

# 5º CONCURSO DE REDAÇÃO

ROTARY CLUB DE IJUÍ E JORNAL DA MANHÃ

# BULLYING

COMO CONVIVER  
COMO COMBATER

**Categorias:**  
**Ensino Fundamental**  
**6ª a 8ª séries**  
**Ensino Médio**  
**1º, 2º e 3º anos**

Promoção:



Jornal da Manhã

Apoio:



## Sumário

Apresentação .....	5
ENSINO FUNDAMENTAL .....	9
O sofrimento de Júlia .....	9
<i>Adriéli Tauane Tremêa</i>	
Combatendo o bullying .....	11
<i>Bruna Ribeiro</i>	
Bullying.....	13
<i>Fernanda dos Santos Pereira</i>	
A tarde ruiva.....	15
<i>Giovani Pasquali Piovesan</i>	
Aprendendo a viver .....	17
<i>João Kuchak Tonetto</i>	
Bullying: como combater.....	19
<i>Kelly El Ammar Camera</i>	
Registro de minhas angústias.....	21
<i>Luísa Beschorner Eder</i>	
Derpino.....	23
<i>Luiz Eduardo da Cunha de Lucca</i>	
Eu sei o que é o bullying.....	25
<i>Natália Lazzari Lacorth</i>	
Escolhas.....	27
<i>Stéfani Wontroba Bandeira</i>	
ENSINO MÉDIO.....	29
O bullying e suas consequências.....	29
<i>Aline R. dos Santos</i>	
Um cenário esplendoroso em que o silêncio se basta.....	31
<i>Ana Lúcia Seibel Cardoso</i>	
A tradução de bullying.....	33

*Bianca Hagemann Behling Alves*

Ação e reação .....	35
<i>Caroline Megier Meller</i>	
Bullying: dá para evitar .....	37
<i>Fernanda O. Wey</i>	
Bullying: a covardia corajosa .....	39
<i>Luísa Medeiros de Oliveira</i>	
Bullying: semeando a desumanidade .....	41
<i>Martina Goi Wender</i>	
Entre o natural e o exagero.....	43
<i>Rafaella Copetti Ghisleni</i>	
Ser diferente é normal.....	45
<i>Sabrina de Oliveira Schwarz</i>	
A doença da humanidade .....	47
<i>Sizuanne Rieger Holler</i>	

## Apresentação

Em 2012 completamos cinco anos do Concurso de Redação organizado pelo Rotary Club Ijuí e Jornal da Manhã, cuja parceria tem cumprido com os propósitos estabelecidos e se mostrado exitosa. É importante ressaltar que o primeiro Concurso de Redação teve como tema “Cidadania”, um tema amplo que nos mostrou muitas faces da malha social. No segundo concurso propusemos a temática “Água”. No terceiro, tivemos como tema “O Lixo, Redução, Reaproveitamento e Reciclagem”. Já na quarta edição propusemos “Energia e Meio Ambiente”.

Este ano, a coordenação do concurso esteve a cargo do rotariano Armando Pettinelli, o qual propôs o tema “*Bullying* como conviver, como combater”, tendo como objetivo reflexões a fim de que o aluno assuma uma atitude investigativa que assegure informações, textualizadas em duas modalidades: narrativa em prosa (de qualquer gênero) para estudantes da 6ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e dissertação para o Ensino Médio. O objetivo de provocar gestos de cidadania em nossos jovens foi alcançado, pois, para externar ideias, o aluno leu, refletiu e sugeriu. Isso é praticar cidadania, principal propósito do concurso. Assim, mídia e clube de serviço propiciaram, além do debate, o exercício da leitura e da escrita sobre o tema em ação.

A abrangência do concurso corresponde à rede pública e privada da 36ª Coordenadoria de Educação do Rio Grande do Sul. Neste caderno estão as 20 melhores redações; dez do Ensino Fundamental e o mesmo número do Ensino Médio, escolhidas por banca composta pelo Rotary, Jornal da Manhã, 36ª CRE, SMED e UNIJUÍ.

É importante destacar que 7 municípios pertencentes a 36ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) se fizeram presentes, comprovando que a participação das escolas foi expressiva, resultando em 488 redações, 234 do Ensino Fundamental e 254 do Ensino Médio. Das escolas que participaram, 11 são municipais, 18 estaduais e 4 particulares.

Nesta quinta edição, o Concurso de Redação teve um recorde de participação. Outros parceiros aderiram ao projeto, tornando-o mais significativo. Sendo assim, cabe, em primeira instância, agradecer aos apoiadores:

- companheiros do RC Ijuí;
- equipe do Jornal da Manhã;
- 36ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação);
- SMED (Secretaria Municipal de Educação de Ijuí);
- UNIJUÍ;
- escolas da rede pública e privada;
- professores que orientaram seus alunos;
- alunos que escreveram os seus textos.

Agradecemos, especialmente, à banca avaliadora, que teve um árduo trabalho para escolher as melhores redações do concurso. Ela foi composta por Rosana Barros e Simone Oliveira (36ª CRE), Liane Comerlato e Sandra Amaral Zaltron (SMED), Márcio da Silva Granez e Véra Fischer (UNIJUÍ), Alan Diniz, Armando Pettinelli e Roger Roberto (Rotary Club Ijuí), Maria Leda Rodrigues Roberto (Rotary Club Nova Geração) e, representando o Jornal da Manhã, Iara Soares.

Com muito apreço, queremos agradecer aos patrocinadores do evento:

- ALBRECHT – Óptica, Joias e Relógios
- ALPHATEL TELEFONIA – VIVO
- ESTAÇÃO DA MATA
- LIVRARIA CENTENÁRIA
- O BOTICÁRIO
- MASTERCELL – CLARO
- REDE DATAWORK
- UNIJUÍ

De um modo geral, parabenizamos e agradecemos a todos os participantes do concurso, quer apoiando, patrocinando ou enviando redações.

A opção pela escrita para refletir um tema que impõe ações educativas e a escolha da mídia, como instância fundamental para atingir resultados e formar opinião, demandam esforços de muitos seguimentos sociais. Tendo em vista esses aspectos, há de se dedicar uma atenção especial aos textos deste caderno, cujos autores enaltecem suas escolas e professores. Parabéns alunos autores, sucesso e continuem escrevendo. Por conseguinte, fica, nesta coletânea, o registro para a posteridade. Um grande abraço.

*Rotary Club Ijuí e Jornal da Manhã*

## ENSINO FUNDAMENTAL

### O sofrimento de Júlia

Adriéli Tauane Tremêa  
6ª Série

Professora: Letícia Maciel Korsack  
Colégio Estadual Comendador Soares de Barros

Quando Júlia começou ir à escola, com 7 anos, seus colegas gozavam muito dela, pois gaguejava, principalmente quando falava em público. Ela se sentia muito mal, pois não tinha nenhum amigo.

Júlia ia toda a semana à fonoaudióloga. O tempo passava e ela nunca melhorava, gerando preocupação na família.

Aos 9 anos, quando estava na 3ª série, a mãe trocou-a de colégio, onde acontecia a mesma coisa. Lá, ao menos, tinha uma amiga, que não gozava dela, que se chamava Luisa.

O tempo passava e Júlia já tinha 12 anos. Junto com a mãe foi procurar ajuda na Direção da escola. Os pais dos alunos que estavam praticando o bullying foram chamados, mas nada adiantou.

A Direção da escola falou com os alunos acusados, enfatizando que quem pratica agressões físicas gera traumas na vida das pessoas, no caso, principalmente, da Júlia.

Muitas atitudes foram tomadas no colégio, com palestras com psicólogos sobre o bullying para todos os alunos e depois aos pais.

Após conversas e palestras, Júlia começou a ser mais respeitada, pois não estava mais sofrendo agressões. Seus colegas mudaram de atitude, pois sabiam que o bullying deixava muitas marcas que jamais seriam esquecidas por quem as sofre.

Todos se conscientizaram que devem conviver bem com as pessoas sem restrição de cor, raça e religião.

# Combatendo o bullying

**Bruna Ribeiro**

**8ª Série**

**Professora: Angela K. Michael**

**Escola Estadual de Ensino Fundamental Rui Barbosa**

Querido Diário... Ontem pela manhã aconteceu algo muito ruim comigo. Umas colegas minhas lá da escola não me deixaram jogar vôlei na Educação Física. Eu perguntei a elas o porquê; elas me responderam que meninas gordas não sabem jogar.

Senti-me muito mal por isso. Todas as meninas estavam rindo da minha cara. Uma amiga minha me disse que era brincadeira. Mas será? Todas as vezes que eu me olho no espelho, eu vejo uma menina feia e gorda; elas já haviam falado isso pra mim muitas vezes; eu me sentia mal, mas sempre levei na brincadeira.

Eu resolvi que não iria mais comer, mas a minha família percebeu e encheu meu prato de comida no almoço. Eu precisava pôr aquilo para fora. Corri para o banheiro, tranquei-me e comecei a chorar. Resolvi colocar tudo o que comi para longe de mim. Eu coloquei.

À noite, minha irmã mais velha chegou em casa e foi me ver no quarto. Ela se assustou. Disse que eu estava pálida feito neve. Perguntou-me se eu estava doente ou algo assim.

Resolvi contar para ela. Minha irmã é a pessoa em quem eu mais confio no mundo. Eu a abracei e chorei. Chorei muito. Falei tudo para ela. Ela parecia um pouco constrangida, mas sempre tem as palavras que esperamos ouvir.

Ela me disse que somos perfeitas do nosso jeito e não importa o que os outros dizem. Também disse que não adianta ser bonita por fora e feia por dentro, e que aquelas meninas deveriam sentir inveja da minha pureza e do meu caráter.

Hoje de manhã essas meninas me chamaram de gorda novamente; brincando. Eu apenas pedi que parassem de me chamar assim, que eu sabia que não era perfeita, mas ninguém é. Eu ameacei contar para a professora se acontecesse novamente.

Elas prometeram que isso não iria acontecer mais; elas até me chamaram para jogar vôlei depois do recreio. Agora eu me sinto bem. Consegui lidar com esse problema e vou levar como lição para a minha vida.

# Bullying

**Fernanda dos Santos Pereira**  
**8ª Série**

**Professora: Vera Monteiro**  
**Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil – IMEAB**

Olá. Hoje estou aqui pra contar a história de uma menina que, como muita gente por aí, já sofreu de bullying.

Ela se chama FERNANDA, nasceu prematura e, por isso, não pode enxergar.

Na realidade dos fatos, ela nunca se incomodou com isso, já que a gente não pode sentir falta do que nunca teve. Por isso sempre foi uma menina feliz e alegre pelo menos até os seis ou sete anos.

Ela morava no interior, isolada de todos, por isso não tinha contato algum com nenhuma criança diferente a não ser suas irmãs e seus primos.

Em algum momento de sua vida, porém, começou a observar outras crianças indo à escola, brincando, fazendo dever de casa e exigiu saber por que ela também não podia fazer essas coisas.

Sua família fazia de tudo para que ela tivesse uma vida normal, mas com certeza em alguma hora eles iriam falhar, já que não tinham conhecimento algum de que ela em qualquer dia pudesse aprender, estudar ou se relacionar com as demais crianças.

Então eles tiveram de sair de sua casa no interior para ir para a cidade e foi aí que Fernanda teve de enfrentar talvez a maior dificuldade de sua vida: mostrar aos outros que ela não era diferente de ninguém por seu problema.

Sua mãe a levava à pracinha pra brincar e as outras crianças não falavam com ela ou mostravam algum interesse com o que ela gostaria de fazer ou não, só ficavam cochichando por trás dela, coisas estas que Fernanda, por sua pouca idade, não podia entender ou compreender. Até que um dia ela entendeu o que isso significava, já que ouviu muitas crianças atribuindo apelidos a ela por sua falta de visão.

Você pensa que isso a derrubou ou a fez parar? Pelo contrário, hoje Fernanda tem 15 anos, estuda na escola Imeab assim como as outras crianças, tem o mesmo tratamento do que qualquer outra criança e tem amigos que ela não trocaria por nada nesse mundo.

Se você quiser saber: essa história é minha. Senti o que é sofrer bullying. Pode não ter sido tão grave quanto costuma ser pra algumas pessoas, mas sei o quanto dói e destrói a autoestima de qualquer um; mas isso é passado para mim. Hoje, tenho muito orgulho em dizer que venci o bullying e, se eu consegui, por que outras pessoas também não podem?



## **A tarde ruiva**

**Giovani Pasquali Piovesan**

**7ª Série**

**Professora: Nilza Ana Manfio  
Colégio Sagrado Coração de Jesus**

O sangue escorreu vermelho como o céu daquele fim de tarde. Antes disso, muito acontecera. Depois, pouco se passaria naquele local; só as manchas permaneceram.

Levantou-se e cambaleou até a saída; limpou-se no banheiro e foi para casa.

Chegando lá, ele jantou, trocou-se e foi dormir. Não gostava nem de dormir, pois tinha os mais horríveis pesadelos. Quando chegava no dia seguinte com olheiras roxas, sempre ouvia “Ficou roxo, né bebê chorão”, e se defendia: “Não consegui dormir à noite”. Era sempre empurrado e novamente agredido.

Antes daquele dia sofrera com socos e pontapés, era roubado, era chutado e não reagia. O auge foi naquela tarde. O acertaram com uma cadeira e ele sangrou. Nem seu pai, que era policial, dava importância para o fato.

Naquela noite, porém, tudo mudou. Ao invés de ele se suicidar, levou a arma que seu pai tinha para a escola.

Acertou um tiro numa lata de lixo que ficava ao lado do valentão. A história era séria e o valentão o derrubou com uma cadeira, enquanto corria, e roubou a arma dele. Dois tiros, o suficiente; desabou da escada rolando e morto. Mais uma tarde ruiva na vida dele, a última.

## **Aprendendo a viver**

**João Kuchak Tonetto**

**8ª Série**

**Professora: Bianca Terra**

**Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP**

Sou Jhonatan Vieira e já fui agressor. A todos a quem pratiquei bullying me arrependo e quero que, a quem cometi esse ato, me desculpem.

Já prendi gente no banheiro, derrubei, dei tranquinhas e comecei a perceber que as pessoas não estavam mais gostando de mim. Estava começando a ficar solitário. Pensei como poderia reverter isso.

Uma alternativa era pedir desculpas, mas eles iriam pensar que eu estaria tirando com a cara deles. Eu tinha de pensar em algo urgente, pois estou sem conversar com ninguém no meu colégio. Excluíram-me dos grupinhos.

Tive de começar lá debaixo, formando grupo com os mais tímidos, tentando fazer algo do interesse deles, e consegui um amigo. Ele ia lá em casa uma vez por semana jogar no computador e, por mais idiota que ele fosse, comecei a gostar dele. Meu amigo tinha mais amigos e assim fui me infiltrando e consegui, também, mais amigos. Percebi que tudo ficou melhor porque amadureci.

Daquele dia em diante nunca mais cometi bullying. Minha vida melhorou muito. Eu tinha grupos para fazer trabalhos, conversar no recreio e me arrependi muito de ter cometido o bullying.

## **Bullying: como combater**

**Kelly El Ammar Camera**

**8ª Série**

**Professora: Bianca Terra**

**Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP**

Meu nome é Ana Clara, tenho 13 anos e sofro bullying. Os meninos da escola me xingam por causa do meu cabelo, das minhas roupas e me chamam de “quatro olho” por eu usar óculos. As meninas nem falam comigo. É muito difícil aguentar tudo isso sozinha. Nunca contei isso a ninguém, mas sofro muito com o que eles falam, mesmo fingindo não me importar.

Hoje teve início uma campanha contra o bullying no colégio. O diretor passou nas salas para explicar como será a primeira parte: a cada 15 dias receberemos um papel no qual teremos de escrever o nome completo de alguém da nossa escola que sabemos que sofre bullying. Tudo anonimamente, claro. Eu deixei o papel em branco, não tenho coragem de colocar meu nome. Imagina só, que vergonha seria!

Segundo dia de campanha – hoje os professores mostraram vídeos sobre bullying e um especialista deu uma palestra sobre como as pessoas que sofreram bullying na infância e adolescência ficaram afetadas mesmo depois de adultas. Depois disso, tivemos aula normal. O diretor me chamou na sala dela e falou que haviam escrito meu nome em uma das folhas recebidas no primeiro dia de campanha e pediu para eu lhe contar o que estava acontecendo. Eu pensei em mentir que não era nada mas, se o fizesse, o bullying só continuaria. Foi só eu abrir a boca para começar a falar, que as lágrimas começaram a cair dos meus olhos. Eu desabei. Falei tudo, tudo mesmo. Contei para ele dos xingamentos e humilhações que eu sofria todos os dias. Logo que eu acabei de falar, o sinal bateu. Peguei minha mochila e saí correndo para ninguém me ver chorando. Era sexta-feira e eu ficaria dois dias sem ser humilhada.

Segunda-feira, antes de o sinal bater, os meninos vieram me pedir desculpas, e pareciam sinceros. Eu obviamente pensei que o diretor havia falado com eles, mas como poderia? Não havia tido tempo de falar com ninguém. Será que essa campanha realmente funcionou?

Hoje faz uma semana que falei com o diretor e percebi que a campanha se intensificou. Os meninos não fazem mais piadas sobre mim e as meninas agora são mais próximas de mim. Tudo parece estar melhorando. Acho que finalmente poderei viver tendo apenas preocupações normais de meninas da minha idade.

# Registro de Minhas Angústias

Luísa Beschorner Eder

8ª Série

Professora: Maria Fabiane Lima Hasse Steinke

Escola Estadual de Ensino Fundamental Rui Barbosa

Sábado, 24 de Junho. Querido Diário, o grande dia chegou: vou me mudar! Nova vida, aí vou eu!

Domingo, 25 de junho. Tudo aqui em POA é lindo; as ruas, os prédios, tudo! Amanhã, primeiro dia na escola nova, no meio do ano, ninguém merece!

Segunda, 26 de junho. Hoje a escola foi estranha, todos me olhavam de lado, como se eu fosse diferente; acho que é só hoje porque sou novata.

Quinta, 29 de junho. Quase uma semana, e ninguém fala comigo, quando eu passo, as pessoas cochicham, não sei por que.

Sexta, 30 de junho. Hoje, no intervalo, ouvi alguém cochichar, um pouco alto demais; escutei a palavra “neguinha”, acho que foi pra mim, mas não vou contar nem comentar com meus pais; vão dizer que é bobagem minha.

Quarta, 12 de julho. Já faz uns dias que eu vejo as pessoas rindo quando eu passo; estou com medo; acho que vou falar com meus pais se isso continuar.

Quinta, 13 de julho. Hoje umas garotas da turma me convidaram para encontrá-las depois da aula! Acho que encontrei amigas!

Sexta, 14 de julho. Fui encontrar as garotas, e elas me bateram! Estou com medo, mas também não vou contar para a minha mãe; me sinto constrangida.

Segunda, 17 de julho. Aquelas garotas me seguiram até em casa, me agrediram de novo! Não aguento mais, não sei o que fazer... Você consegue imaginar como essa história terminou? Eu vou continuar escrevendo, mesmo que o meu problema não seja resolvido.

# Derpino

Luiz Eduardo da Cunha de Lucca  
8ª Série

Professora: Maria Fabiane Lima Hasse Steinke  
Escola Estadual de Ensino Fundamental Rui Barbosa

Alguns anos atrás, em alguma cidade do Brasil, vivia um jovem chamado Derpino, de 16 anos.

Derpino não tinha quase nenhum amigo, mas mesmo assim era alguém feliz. Ele vivia a maior parte dos dias sentado em frente ao seu computador.

Na verdade, enquanto estava em seu computador, ele participava de diversas redes sociais e, dentro delas, geralmente era ameaçado, xingado e ofendido por muitos de seus considerados “amigos” virtuais por consequência de seu tamanho, obesidade e outras características físicas. Derpino não se importava com as ofensas, pois sabia que jamais os veria na vida real.

Isso mudou, no entanto, quando trocou de turma em sua escola, onde havia vários desses “amigos”, porém agora as ofensas eram reais e até físicas.

Derpino aturou tudo por mais um ano, quando decidiu ajudar as demais pessoas com esses problemas, e seria de uma forma on-line. Ele criou, então, um blog, não de humor ou de novidades, mas um blog de comunicação, conselhos e ajuda. Nesse blog as pessoas mostram seus problemas e, ao mesmo tempo, ajudam aos outros.

Em um ano, isso fez tanto sucesso, que passou a ser internacional, com milhões de visitantes.

Agora, com 18 anos, Derpino estuda o máximo possível para se tornar alguém com poder e cargo suficientes para ajudar as pessoas com esses e vários outros problemas.

# **Eu sei o que é o bullying**

**Natália Lazzari Lacorth**

**7ª Série**

**Professora: Rosilei Casal Silva**

**Escola Estadual de Ensino Fundamental Rui Barbosa**

Fui uma vítima de bullying. Quando isso aconteceu passei a ter muitos problemas físicos e psicológicos: insônia, falta de apetite, nervosismo, desânimo e muita tristeza. Sair de casa, ir à escola, tornou-se um pesadelo. Só de pensar em ver aquelas pessoas, minhas mãos suavam frio. Meus pais estavam tão envolvidos no trabalho que nem perceberam meu sofrimento.

Cyberbullying foi exatamente isso o que aconteceu comigo. O agressor postou uma foto minha, produzida por montagem, em situação bem-constrangedora. Mensagens ofensivas não paravam de chegar em meu e-mail e celular. Minha falsa foto circulando numa velocidade assustadora. Todo mundo já tinha visto. Estava com muita vergonha, medo e revolta.

As meninas passaram a me ignorar, os meninos riam e faziam piadinhas quando eu passava. Sentia-me sozinha no mundo, não tinha com quem contar. Só me sentia bem quando me trancava no quarto e chorava até adormecer.

Meus pais acabaram sabendo de tudo. Eles me deram todo o apoio e carinho de que precisava. Hoje, estou recuperada e muito atenta. Aprendi que a Internet pode se tornar uma arma nas mãos de pessoas escondidas no anonimato.

# Escolhas

**Stéfani Wontroba Bandeira**  
**7ª Série**  
**Profesora: Nilza Ana Manfio**  
**Colégio Sagrado Coração de Jesus**

Já não aguento mais isso. Faz dois meses que estou na Faculdade de Medicina e desde o primeiro dia de aula venho sofrendo com isto.

Meu nome é Francisco e sou homossexual. A maioria dos meus colegas não sabe disso; mas há um grupo que descobriu e agora está me atormentando.

No primeiro dia de aula devíamos nos dividir em grupos para realizar uma dinâmica. Fiquei num grupo cuja maioria era meninas e todos me conheciam. Depois da primeira parte, fomos para um restaurante almoçar.

Depois do almoço, quando estávamos voltando para a aula, recebi uma mensagem em meu celular, estava escrito: "Vira homem viadinho! Na nossa turma você não fica".

Fiquei preocupado. Já sofri muito por causa de minha opção sexual, mas achei que na faculdade seria diferente, pois, afinal, faculdade é lugar de gente madura e determinada.

Hoje percebo que estava enganado, pois esse grupo de preconceituosos continuam a me perseguir com ofensas e ameaças. Penso que se tivesse tomado uma atitude no primeiro dia, nada disso estaria acontecendo agora.

É horrível você ser ofendido, ameaçado, zulado e até mesmo agredido por simplesmente ser diferente, ter uma opinião diferente. Ninguém precisa ser meu amigo, ou algo parecido. A única coisa que quero é respeito.

## ENSINO MÉDIO

### O bullying e suas consequências

Aline R. dos Santos

2º Ano

Professora: Mariluci Bianchi

Escola Técnica Estadual 25 de Julho

Na Internet, há alguns meses atrás, havia sido publicado que um adolescente gay de 14 anos dos Estados Unidos chamado Jamey Rodemeyer, cometeu suicídio pois todos os dias sofria bullying de seus colegas da escola. Preferiu morrer a continuar sendo humilhado pelo simples fato de ser homossexual.

Jamey assumiu sua homossexualidade através de um vídeo publicado no YouTube. Ele também mantinha um blog pessoal em que relatava as humilhações sofridas no ambiente escolar. Em uma das suas postagens ele escreveu a seguinte frase: “Eu sempre digo o quanto sofro bullying, mas ninguém me escuta. O que tenho de fazer para que alguém me escute?” Dias depois ele foi encontrado morto do lado de fora de sua casa, após cometer suicídio.

Assim como esse garoto, muitos outros estão sofrendo com o bullying, violência que muitas escolas fingem não existir, mas que destroem vidas e expectativas de crianças e jovens. Em uma de suas músicas, Lady Gaga vem com o seguinte trecho: “Não importa se você é gay, hetero ou bi / lésbica ou transexual / Você está no caminho certo / Pois você nasceu desse jeito”. Lady Gaga é uma artista que está contra qualquer segregação ou preconceito. Ela também tem uma fundação chamada “Born This Way Foundation” que tem como objetivo acabar de vez com essa violência que é o bullying.

Em pleno século XXI, ainda existem pessoas que não têm em mente que todos têm liberdade de opinião e que cada um tem o direito de ser feliz independente da etnia, opção sexual, classe social ou cor. Uma das alternativas para tentar solucionar o problema é respeitar, mas a escola também tem o dever de orientar os alunos com palestras e seminários, pois é no meio escolar que ocorre a maioria dos casos de violência. Quanto mais jovens souberem de casos trágicos como o de Jamey que morreu por consequência do bullying, mais eles irão perceber que isso não leva a nada, a não ser o sofrimento e o desgosto da vítima.



## **Um cenário esplendoroso em que o silêncio se basta**

Ana Lúcia Seibel Cardoso

2º Ano

Professora: Maristela Righi Lang

Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Ijuí

Ela escolhe cuidadosamente sua vítima, vai se preparando aos poucos, se enrolando, calculando, esperando o momento certo para dar o bote... Quem me dera estar falando a respeito de uma cobra. A perseguição, nesse caso, é feita a um indivíduo, incapaz de se defender, por um agressor ou grupo de agressores, de maneira a causar desde constrangimentos a agressões físicas.

São inúmeras as causas, não justificáveis, e também consequências do fenômeno conhecido como bullying. Discuti-las não é o suficiente; o enfoque deve ser voltado para o combate de tal violência que, atualmente, tem ganhado notoriedade e existência admitida pela sociedade.

Nas escolas, instruir e conscientizar professores, equipe pedagógica e os demais setores que venham a integrar o estabelecimento de ensino é o primeiro passo. Dessa forma, torna-se mais fácil identificar possíveis vítimas e agressores.

O tema deve ser trabalhado em sala de aula, enfatizando princípios éticos, como educação, respeito e aceitação às diferenças. Uma simples dinâmica fazendo com que cada um se colocasse no lugar do outro (que usa óculos, está acima do peso; se destaca entre os demais, etc.), faria com que houvesse uma reflexão sobre determinados comportamentos.

Quando identificados casos de bullying, ao invés de esconder o problema ou fazer vista grossa, é necessário que, juntamente com os professores, os pais se envolvam no combate, buscando entender os mecanismos que fizeram com que o indivíduo se tornasse um agressor para então encontrar soluções.

Há crianças que cresceram vendo Cebolinha e Cascão se divertirem ao insultarem Mônica de baixinha, gorducha e dentuça, roubando Sansão para dar nós em suas orelhas. Isso não significa que elas reproduzirão tais ações, mas também não dá pra negar que a inversão de valores pregada pela mídia exerce influência negativa.

O antígeno do bullying pode estar bem mais perto do que podemos imaginar: dentro de nós mesmos. Precisamos despertá-lo, manifestá-lo em nosso cotidiano e não aceitar como natural algo tão desumano. Respeito é uma coisa que todo mundo deveria ter. Ele nunca matou ninguém, o bullying mata vários, todos os dias.

# A tradução de bullying

Bianca Hagemann Behling Alves

1º Ano

Professora: Maristela Righi Lang

Colégio Sagrado Coração de Jesus

Sempre existiu aquela brincadeira sem graça que “só” tinha por objetivo rir da desgraça alheia, mas agora com um nome “importado” nós começamos a nos preocupar com ela, talvez porque o que esteja em inglês chama mais atenção ou porque essa palavra poderia ser traduzida de formas realmente assustadoras.

Poderia ser traduzido pela sigla TSR, tortura sem razão. Brigas de trânsito, torturas durante guerra, discussões que se exaltam, times adversários confrontando-se, não é algo dignamente racional, porém existe um motivo, que é justificável para o ato, e se eles fossem para um tribunal teriam como se “explicar”. Mas a TSR não, a razão é o acaso, a diferença que existe em cada um e a capacidade do ser humano de ser sádico. Em um júri, o advogado de defesa diria: “– Porque ele era estranho, magro demais, esperto demais”.

Ou poderia ser liberalismo, não o movimento filosófico, mas a consequência de os tempos mudarem e se afrouxarem tanto as regras que o temido “castigo” já não é sentido e não existe mais ameaça construtiva que seja cumprida. Onde vemos isso? Naquela pessoa que todo dia mata um passarinho; ela sabe que não é o certo, mas acontece que há um incentivo: poucos sabem do fato e os que sabem, não dizem, assistem, choram, riem e os pais do assassino, esses são os mais liberais e principalmente ausentes. A grande diferença entre este liberalismo desmedido e atos de liberdade formadores da dignidade humana, porém, é que neste último cada ser-pássaro desenvolve-se e adquire responsabilidades à medida que alça voo, sem precisar ferir para ser gente.

Com a tradução de bullying podemos ver que não é somente uma brincadeira, mas uma bomba-relógio armada em casas, escolas, locais de trabalho, Internet (cyberbullying) e desarmá-la começa em ouvir os filhos, medir as palavras e saber que a diferença causadora de tanto preconceito é também qualidade da humanidade.

## **Ação e reação**

**Caroline Megier Meller**

**2º Ano**

**Professora: Maristela Righi Lang  
Colégio Sagrado Coração de Jesus**

O ser humano tem a capacidade natural de se envolver em conflitos, que, normalmente, deveriam ser resolvidos pela inteligência e perspicácia, o que ultimamente não ocorre. Estamos cada vez mais decididos a solucionar nossos problemas pela violência, fazer valer nossas vontades por gestos opressivos.

A violência é a ação mais torpe que qualquer pessoa possa praticar. Ela não só fere o corpo, mas a mente e a alma. É fruto da ignorância humana, à qual sucumbimos, sem perceber que podemos combatê-la.

O bullying é o produto desses conflitos mal-resolvidos, da vontade que as pessoas sentem de agredir aquela que admiram ou invejam; é simplesmente praticado por aqueles que se sentem inferiores, mesmo que pela sua vítima sejam vistos como ídolos ou objetos inalcançáveis.

Será, todavia, que o bullying é produto apenas desses conflitos? Com toda a certeza não, mas também de uma falta de estrutura familiar que o agressor não possui, e da influência que todos sofremos pela mídia. Esta que deveria servir à informação, cultura e entretenimento, ultimamente, principalmente no caso da televisão, tem o papel de mostrar a violência e como ela está sendo praticada; o que, a princípio, era para nos informar a realidade social, acaba ensinando as “manhas” dessa prática.

Essa falta de estrutura familiar e a influência mediática fazem com que, principalmente, as crianças tragam isso à escola, um lugar onde a compreensão e o respeito estão sendo gradativamente extintos.

Em relação a isso, o que deve ser feito? Deve-se acabar com esta má influência televisiva e, além das campanhas já feitas às crianças, trazer os pais à escola para aprenderem sobre o assunto e educarem seus filhos em relação a isso.

Como dizia Shakespeare, “só há uma treva: a ignorância”. Quem se deixa levar por ela são aqueles que se esquecem que a sabedoria está em reconhecer que se é ignorante.

# **Bullying: dá para evitar**

**Fernanda O. Wey**

**3º Ano**

**Professora: Elita Maria Bianchi Tessari  
Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP**

Apesar de não podermos abolir o bullying, devemos fazer algo para evitar que se transforme em situações mais graves. Diante de uma sociedade preconceituosa, é comum crianças sentirem-se reprimidas em ambientes escolares, pois muitas passam por situação de agressão física ou verbal. A escola deixa então de ser um lugar agradável e se torna um pesadelo ter de enfrentá-la todos os dias.

Essas situações são provocadas por praticantes de bullying que prejudicam os outros através de pensamentos preconceituosos que violentam pessoas do seu convívio. Milhares de crianças sofrem todo o tipo de discriminação, o que pode ocasionar sérios problemas, tanto no momento quanto no futuro. Então o que devemos aprender é de que forma lidar com os agressores.

Parece estranho, mas retrucar com atitudes idênticas não é a solução. Segundo o psiquiatra Stuart Twemlow, da Nova Zelândia, quem passa por situação de bullying deve reagir sem criar conflito. E por que não? A leitura da entrevista, publicada na revista *Época* de maio deste ano, mostra o bullying de maneira diferente. E um boa solução é ignorar, porque quem está agredindo espera que a pessoa agredida se revolte, então, responder de maneira calma ou ignorar fará com que o agressor desista e reflita sobre sua atitude.

Além disso, não adianta punir, isso fará com que os agressores pratiquem o bullying longe dos que punem. Se alguém agride, tem algum motivo e, muito provavelmente, tem mais problemas que a vítima. O ideal é que quem presencia esses momentos comunique aos responsáveis pelo agressor para que ele possa buscar acompanhamento psicólogo. Deve-se agir com inteligência diante do agressor.

As soluções são um tanto básicas. Basta que todos tenham informações, pois a ação correta, com atitudes sensatas, poderá diminuir gradativamente os índices de ocorrência do bullying. Não cessará completamente, pois, como ratificou Twemlow, “Não podemos abolir o bullying, porque não se pode abolir algo que faz parte do comportamento humano”.

# **Bullying a covardia corajosa**

**Luísa Medeiros de Oliveira**

**2º Ano**

**Professora: Maristela Righi Lang  
Colégio Sagrado Coração de Jesus**

O prazer de se sentir superior ao seu igual é o que melhor define o termo “Bullying”. Este sentimento decorrente do sofrer alheio é uma tentativa do agressor de superar seus próprios traumas, humilhando e agredindo física ou psicologicamente aquele que lhe parece mais vulnerável.

Apesar de o termo ter sido criado recentemente, a realidade do bullying sempre existiu, embora nem toda brincadeira deva ser vista como ofensiva. Há alguns anos, piadinhas cruéis e até mesmo agressões físicas eram a maneira que as crianças encontravam de demonstrar reações às diferenças que existem.

É praticamente regra que a vítima seja instável emocionalmente, principalmente por não se enquadrar nos padrões econômicos, sociais, religiosos, estéticos, culturais e raciais. Os danos que o bullying causa são os que possivelmente mais afetam a vida adulta das vítimas, atrapalhado seu rendimento profissional e suas relações nos campos acima citados.

Os traumas causados pelo bullying, muitas vezes, acabam sendo usados como justificativa ao injustificável, como o caso do “Monstro do Realengo” que, segundo alguns, cometeu os assassinatos como forma de expressar os traumas que havia sofrido na infância.

Não são apenas brincadeiras, mas humilhações que afetam o amadurecimento emocional e psicológico de uma criança, fazendo com que sua autoconfiança seja abalada, entrando assim na vida adulta de uma forma conturbada e, às vezes, desequilibrada. A realidade do bullying não é apenas de brincadeira e devem ser tomadas medidas para punir aqueles que não sabem os seus e os limites do próximo.

## **Bullying: semeando a desumanidade**

**Martina Goi Wender**

**3º Ano**

**Professora: Maristela Righi Lang**

**Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Ijuí**

Realmente, o mundo está irreconhecível. A paz nunca existiu em sua plenitude, porém, ao menos o mínimo de respeito entre as pessoas, em suas mais variadas dimensões, existia. A violência conquistou seu espaço sem pressa, de forma gradual, e hoje o resultado de tal desenvolvimento está aí, de diversas formas e por diferentes meios. Uma dessas formas é o bullying.

O bullying age como um vírus desumano, contagiando aos poucos e se disseminando pela sociedade, infectando crianças e jovens em seus ambientes escolares. Quando menos se espera, ele se manifesta. É preciso ressaltar, contudo, que ninguém está livre de passar por tamanho constrangimento e humilhações.

Mediante ações praticadas por uma pessoa ou por um grupo, objetiva-se agredir outra, de forma física ou psicológica, pois a mesma não apresenta capacidade de se defender, sendo escolhida justamente por isso e por se destacar perante os demais. Utilizam-se de xingamentos, apelidos ofensivos, brincadeiras incrédulas, espancamento, continuamente. Ocorre por diferentes motivos ou por motivo algum.

Sem dúvidas, todas essas práticas trazem problemas – até mesmo irreparáveis – à vítima, principalmente em relação ao psicológico, uma vez que esta é a parte mais afetada e preocupante, pois quem pratica o bullying esquece. Entretanto, quem o recebe fica marcado pela angústia, apreensão e insegurança, carregando esta bagagem ao longo de suas vidas. Na maioria das vezes, sofrem calados, alimentando esse sentimento de dor e culpa que se instala em seu peito sem pedir permissão.

O que está acontecendo com a humanidade? Crianças e jovens apresentando um comportamento inconveniente por mascararem seus próprios medos e temores. Assim, tentam driblar o que os amedronta como um jogador de futebol que o faz com seu adversário; a diferença é que a este último é de forma sadia, sem comprometer a vida de alguém, pois o que está em jogo é a bola, e não um coração cheio de sentimentos arrebatados.

Eles amedrontam e ferem o outro por receio de serem feridos primeiro. São pessoas covardes, frustradas e infelizes, que tentam afetar os demais, lançando infelicidade, lançando essa semente do desumano. O pior de tudo é que, em sua maioria, eles conseguem, fazendo com que esta germine, destruindo cada pessoa agredida. Descontam no outro a raiva de seu próprio fracasso.

Quem sofre bullying não pode se calar, evitando, assim, que o vírus alcance proporções ainda maiores e piores. Nossa garganta não pode se fechar! Temos que ter voz e lutar pelos nossos direitos, pelo direito a uma vida plena. Denunciar, tomar providências. Em meio a tanta competitividade e necessidade de um ser melhor que o outro, a humanização perdeu valor, e, longe do clichê, existem pessoas que prezam por sua dignidade e movem o mundo com suas próprias mãos, sem medo, à espera de mudança.



## **Entre o natural e o exagero**

**Rafaella Copetti Ghisleni**

**3º Ano**

**Professora: Marlene Sagave**

**Escola Estadual de Ensino Médio Ruy Barbosa**

Em que pese o bullying ter ganho destaque recentemente, a opressão por parte dos mais fortes sobre os indefesos acontece há muito tempo. Esse novo vocábulo, inserido em nossa língua, nada mais é que o desrespeito exacerbado para com os outros. A maior dificuldade em solucionar o problema está em estabelecer um limite coerente entre as desavenças comuns ao ser humano e o exagero das mesmas.

Nem todo conflito é considerado bullying. As divergências e discussões são naturais e de suma importância para o desenvolvimento de crianças e jovens que, em breve, relacionar-se-ão com pessoas de ideais e opiniões variadas. Deste modo, a superproteção por parte dos pais pode prejudicar os filhos, uma vez que os priva de vivenciar conflitos e de amadurecer. Essa tolerância, entretanto, não pode ser muito abrangente, visto que pode se tornar uma forma de ocultar a realidade.

Já dizia Benjamin Franklin que “Os homens se empenham mais em mascarar do que em consertar”. Fingir que o bullying não existe é corroborar o problema. Agressões repetitivas, tanto verbais quanto físicas, não só ferem a dignidade da vítima, como afetam sua personalidade. A pessoa pode se tornar depressiva e nutrir um sentimento de revolta, levando-a a cometer atos irracionais. Por conseguinte, em grande parte, a vítima se sente insegura e não busca ajuda, tornando fundamental a atenção dos pais e professores para qualquer mudança comportamental.

O bullying é um problema social muito comum e deve ser tratado com toda seriedade possível. Não banalizar o termo e intervir adequadamente quando necessário é crucial para que o problema seja resolvido, além de auxiliar as vítimas e trabalhar com o agressor as razões que o levaram a cometer tal ato. Por mais tênue que seja a linha entre a normalidade e o abuso, ela precisa ser reconhecida para evitar traumas que podem se estender pela vida inteira.



## **Ser diferente é normal**

**Sabrina de Oliveira Schwarz**

**2º Ano**

**Professora: Bianca Terra**

**Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP**

Atualmente tem ocorrido muitos casos de discriminação, humilhação e às vezes, até de violência entre jovens e pessoas de diferentes classes sociais, principalmente em escolas. A esses casos denominamos bullying. Apesar da frequência com que ocorrem, as escolas não estão preparadas para tratá-los, enfrentando grandes dificuldades para identificar e contornar as situações de bullying.

Bullying nas escolas consiste na constante humilhação, discriminação, chacota, isolamento e, às vezes, violência que ocorre entre os alunos. Isso acontece porque os jovens se dividem por classes sociais, modo de vida e valores, e querem impor seu jeito de ser aos que consideram diferentes, o que faz com que a vítima do bullying sintam-se inferiorizada, intimidada e até mesmo sofra traumas psíquicos.

As escolas têm enfrentado muitos problemas com os casos de bullying. Primeiro, a dificuldade para identificar as vítimas, que, na maioria das vezes, isolam-se e se ocultam. Segundo, porque não estão atentas e não dispõem de equipe especializada para cuidar dessa problemática. Por consequência, os praticantes do bullying fazem isso por não visualizarem ameaças de punições e não receberem adequados tratamentos educativos, assim continuam disseminando suas práticas.

É necessário que as escolas adotem medidas para reduzir os casos de bullying, ou pelo menos minimizar suas consequências, por meio de campanhas de sensibilização que envolvam alunos, pais, professores e a comunidade. Ainda, promovendo atividades que oportunizem a convivência e a integração entre os diferentes grupos que existem, incentivando a solidariedade e a harmonização destes grupos, para fazer valer a máxima de que ser diferente é normal.

# A doença da humanidade

Sizwane Rieger Holler

3º Ano

Professora: Maristela Righi Lang

Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Ijuí

A humanidade está mergulhada em uma das doenças mais graves e perturbadoras que se pode conhecer, como já disse Ivan Teorilang, pois, ao se fazer a fusão do racismo com a discriminação somando-se ainda a indiferença com o próximo, obtém-se a forma infalível do maior câncer da humanidade.

Um dos exemplos mais evidentes dessa doença é o bullying, a forma de violência que mais cresce no mundo e afeta adultos, crianças e principalmente jovens. A juventude, que deveria ser uma das fases mais bonitas das nossas vidas, que deixaria as melhores recordações, torna-se o período mais repugnante na vida de muitos, podendo destruir um futuro brilhante, causando doenças psicossomáticas, traumas e até o fim de muitas vidas.

O bullying está em alta entre as discussões e parece se alastrar de uma forma incontrolável. Não há quem tenha uma certeza absoluta do porquê começa, como evitar ou combater. Cada um julga de uma forma, mas todos se sentem paralisados perante ele.

Muitas vezes preferimos acreditar que o bullying esteja distante de nós, mas nos deparamos com a inveja, o medo, a opressão, a tirania, a intimidação em nossas relações. O que, à primeira vista, possa parecer um apelido inofensivo, pode afetar emocional e fisicamente o alvo das ofensas. Não há motivos ou causas para que ele comece, ou talvez sejam tantos que é impossível enumerá-los. Ele simplesmente surge e de uma forma devastadora modifica vidas.

Como parar com esse ciclo de violência? Como reagir a isso? Um dos maiores obstáculos é restabelecer as relações, investir no amor, no diálogo, no respeito entre principalmente familiares, pois essa é a base do caráter do indivíduo.

Precisamos conversar sobre o assunto, encorajar aqueles que sofrem ao denunciar, a reagir e aquele que é o agressor a repensar. Precisamos mais do que propagandas, filmes, noticiários sobre o assunto, necessitamos de amor, carinho, respeito, limites, exemplos que envolvam os jovens e os tornem pessoas melhores. Mais que jovens modernos, interligados com o mundo, precisamos de jovens pensantes, de atitude, pois essa é a geração que poderá salvar o mundo da carnificina à qual se encaminha.